

A pedagogia psicanalítica de Anna Freud¹

Michele Melo Reghelin²

2012

“Lado a lado com as exigências da vida, o amor é o grande educador, e é pelo amor daqueles que se encontram mais próximos dele que o ser humano incompleto é induzido a respeitar os ditames da necessidade e a poupar-se do castigo que sobrevém a qualquer infração dos mesmos.”

(Sigmund Freud, 1916, p.326)

Resumo

A partir do trabalho desenvolvido na clínica psicanalítica de crianças, Anna Freud desenvolveu ideias acerca da Educação. Através de conferências e ensaios, a autora buscou construir uma pedagogia baseada nas necessidades e impulsos das crianças, bem como seus conflitos com o mundo interno e externo. Ainda que tenham sido desenvolvidos há quase meio século, seus trabalhos consistem em questionamentos que podem propiciar profundas reflexões ainda remanescentes no mundo contemporâneo. Desse modo, apresenta-se sua proposta para uma pedagogia psicanalítica, além de citar aspectos importantes da sua trajetória profissional.

Revisão teórica

De acordo com Anna Freud (1973), a psicanálise sempre encontrou dificuldades com a pedagogia em função de propor fundamentalmente a compreensão do indivíduo antes de desenvolver qualquer trabalho com ele. Enquanto a Pedagogia busca meios externos para intervir no comportamento do sujeito, a psicanálise visa construir bases e referenciais internos, sem os quais o sujeito não encontrará sentido para cumprir as demandas do ambiente. Ainda hoje perpetua-se a ideia de que a realidade é responsável por impor condições e regras de convivência na sociedade, o que apenas faz com que a criança imite o adulto, sem construir internamente o senso de responsabilidade. Essa reprodução de papéis acaba por tornar o sujeito incapaz de se adaptar às influências posteriores.

Para abordar as ideias de Anna Freud, é primordial conhecer antes de tudo, as suas experiências no campo da Educação. De fato, há inúmeros relatos em sua biografia, e assim, ousamos apresentar alguns. Iniciamos contando algumas peculiaridades sobre a sua vida escolar.

Conforme Young-Bruehl (1992), Anna Freud entrou para a escola em 1901, com seis anos de idade. Era sua primeira escola primária particular. De 1903 a 1905, frequentou a Grünentorgasse. Lá tinha amigas que não necessariamente eram de origem judaica, mas nunca a convidavam para ir às casas delas. A autora refere que os anos escolares de Anna foram descritos como na obra poética que mais gostava *“Das Buch der Bilder”*, de Rainer Maria Rilke: *“A escola com suas horas de angústia, arrasta-se em espera e tédio. Ó solidão, ó lenta passagem de tempo...”*.

Anna não gostava muito de ir à escola, frequentemente reclamava e chorava, inclusive necessitou de uma professora particular, Elsa Reiss, até ser matriculada na escola secundária *Liceu da*

¹ Artigo publicado na Rabisco Revista de Psicanálise, vol.2 Num.2 <http://www.revistarabisco.com.br/>

² Psicóloga clínica. Psicóloga Escolar no Colégio Leonardo da Vinci Beta. Especialista em teorias e psicoterapias psicanalíticas da infância, adolescência e adultos. Mestre em Psicologia Clínica (UNISINOS).

Cabana Salka Goldsman - para meninas entre dez e dezesseis anos (Young-Bruehl, 1992). Ainda que tenha se saído bem nesta escola, escreveu em uma carta que não gostava das aulas em hebraico, pois ensinavam o alfabeto em hebraico de um lado da página e o de alemão, no outro, porém não ensinava o principal, o significado das palavras, o que fazia com que esquecesse tudo depois. Anna disse que se esforçou para ser o que os outros esperavam dela, que era ser “diligente”, e assim o fez. Logo, as suas vivências escolares serviram para ela construir seu trabalho analítico com crianças.

Para ela, escrever e ler eram tão especiais como costurar e tecer. Também adorava histórias infantis. Na sua análise pessoal, um dos temas era a sua “aversão à escola no verão”, mas o curioso é que acabou decidindo ser professora. Anna não teve uma educação clássica e cursou o que hoje chamaríamos de Ensino Médio, e suas disciplinas consistiam em formação religiosa, redação em alemão, francês, inglês, geografia, história, aritmética e geometria, ciências e caligrafia. É possível que sua inspiração para estudar não viesse dos seus professores e sim das visitas que sua família recebia e das conversas e vivências com o seu pai, Sigmund Freud (Young-Bruehl, 1992).

Nesse sentido é possível dizer que Freud estimulou os filhos para o apreço aos estudos psicanalíticos, e, por conta disso, Anna teve seu primeiro contato com a Psicanálise quando tinha 14 anos, em uma das suas conversas com ele. Em junho de 1914, foi aprovada para iniciar um curso para poder ensinar em uma escola primária, o que deixou Freud muito contente, ainda que ele desejasse que os filhos nunca fossem embora de casa.

Foram quase seis anos de trabalho como aprendiz e professora, durante o qual diziam que ela tinha o dom de ensinar. Ela preparava suas aulas meticulosamente e com zelo, sendo cuidadosa e mantendo as aulas com disciplina. Seus alunos diziam que ela “*era um oásis de calor e de entusiasmo nas suas vidas aborrecidas e difíceis do tempo da guerra*” (Young-Bruehl, 1992, p.61). Em 1917, teve tuberculose afastando-se do trabalho. Logo, seguiu viajando com a sua família e acabou trabalhando no verão de 1918 como professora perto de Budapeste. Continuou escrevendo poesia e prosa. Em 1920, após a perda da sua irmã, Sophie, mergulhou no trabalho, mas no final do ano abandonou o ensino para cuidar da sua saúde.

Com maior contato com a Psicanálise, Anna seguiu desenvolvendo seus estudos e teve sua primeira experiência pedagógica independente, diz Young-Bruehl (1992). Por volta de 1927, juntamente com Eva Rosenfeld e sua amiga Dorothy Burlingham, criou uma escola na residência dos Rosenfeld e posteriormente num prédio aos fundos. Crianças entre sete e onze anos que estavam em análise ou cujos pais estavam se analisando frequentavam a escola, sendo Peter Bloss o professor e Erik Homburger Eriksen, o auxiliar. A escola caracterizava-se por utilizar a interação do lúdico, com o experimento e o debate.

Em torno de 1936, Edith Jackson que havia sido paciente de Freud, deu dinheiro a Anna por gratidão, e com esta verba Anna inventou, em Viena, uma creche experimental para crianças pobres e com menos de dois anos de idade: a creche Jackson. O trabalho aqui desenvolvido consistia em conhecer a infância, em especial o segundo ano de vida. Mais adiante Anna vinculou a creche à *Haus der Kinder*, dirigida pela Sociedade Montessori de Viena. A creche passou a admitir crianças carentes e não portadoras de doenças infecciosas com o intuito de evitar o contágio, já que vinham de famílias carentes e que não teriam condições financeiras para tratá-las caso houvesse necessidade. Foi inaugurada em 1937. Ana trabalhava incansavelmente.

Com a chegada da 2ª guerra mundial, por serem judeus, Anna e sua família precisaram fugir para Londres, mas isso não a impediu de continuar trabalhando e estudando. Mesmo após a morte do pai, em setembro de 1939, Anna seguiu dedicando-se a ajudar os que necessitavam. Criou abrigos

temporários para crianças vítimas de guerra (Young-Bruehl, 1992). Com doações e materiais trazidos da creche Jackson, criou o Centro de Repouso infantil em *Wedderburn Road 13*, destinado para crianças que não podiam ser evacuadas sem as suas mães ou que apresentavam dificuldades quando adotadas. Depois, em 1942, após a crise financeira, a *Wedderburn Road* tornou-se jardim de infância.

Em 1941, Anna Freud ampliou e inaugurou mais dois prédios: uma casa de campo para crianças mais velhas em New Barn, em Essex, e o Centro de Repouso de Bebês em *Netherhall Gardens 5*, em *Hampstead* (Young-Bruehl, 1992). A creche de *Hampstead* tinha por objetivo fazer com que os pais ausentes se envolvessem na vida das crianças. Para isso, até podiam trabalhar lá e assim cuidar dos filhos. Era conhecida pelo seu aspecto psicanalítico singular. Através dessas vivências, Anna desenvolveu teorias como a de que o trauma é causado pela forma como ocorre a separação. Além disso, promoveu treinamentos, seminários, simpósios...



O Centro de Lazer. Capturado em 29 de setembro de 2012, às 22h09 no site <http://www.annafreud.org/pages/history.html>

Hampstead sempre se manteve com doações, de tal forma que Anna sempre tentava que alguma instituição a adotasse para que assim pudesse se manter. Então, quando Marilyn Monroe morreu em 1962, a creche recebeu grande quantia (Schneider, 2008). Marilyn, que fora criada em vários lares adotivos, deixou grande parte dos seus bens à sua ex-analista, Marianne Kris, para que esta escolhesse uma instituição que desenvolvesse trabalhos significativos com crianças. Lá foram desenvolvidos grupos de estudos e até a revista destinada a apresentar as pesquisas: *Bulletin of the Hampstead Clinic*, dirigido por Joseph Sandler (Young-Bruehl, 1992). A clínica formava alunos após quatro anos de curso, onde aprendiam a indexar os casos e a trabalhar com o perfil diagnóstico. Também participavam das conferências. Com o tempo, a clínica passou a oferecer consultas e cursos breves à comunidade. A clínica exerceu grande influência no cotidiano, nos hospitais e nas organizações para crianças. O centro de estudos permanece, mas agora com o nome de Anna Freud Centre, em homenagem a Anna (<http://www.annafreud.org/pages/history.html>). É também referência em cursos de pós-graduação, mestrado e pesquisas, além de ajudar as crianças, os jovens e suas famílias. Ademais, conta com profissionais como Peter Fonagy.



O Centro hoje. Capturado em 29 de setembro de 2012, às 22h09 no site <http://www.annafreud.org/pages/history.html>

O caminho percorrido por Anna na Universidade também teve marcos importantes. Em 1950 pronunciou conferências na *Universidade Clark* e recebeu um diploma, seu primeiro diploma universitário, refere Young-Bruehl (1992). Nestas conferências, Anna abordou inúmeras questões correlacionando o trabalho analítico com a Educação. Na década de 1960, foi convidada a ocupar um posto na *Faculdade de Direito de Yale*. Neste momento, Anna, bastante envelhecida, gostava mais de ser estudante do que professora, e se divertia com a presença dos jovens. Em 1977, a clínica *Hampstead* enviou seus treze anos de trabalho, no perfil e no índice, ao Instituto Nacional de Saúde Mental de Washington. Em nove de outubro de 1982, faleceu na sua casa em Maresfield Gardens 20.

Dentre seus inúmeros escritos, conferências e simpósios, Anna Freud (1973) propôs três pontos de vista da Psicanálise. O primeiro refere-se à divisão temporal: a autora refere que o primeiro ano de vida ocorre até os cinco anos de idade. Segue-se então a latência até os 12 anos de idade. Por fim, entra-se na puberdade que rumará até o mundo adulto. Sendo assim, é preciso conhecer os sentimentos e atitudes inerentes a cada fase, bem como seu desenvolvimento pulsional, para poder compreender aquilo que parece ser uma contradição, o que pertence ao desejo e o que pertence à possibilidade de realização. Como exemplo, a autora cita que a falta de vergonha característica da primeira infância e puberdade causarão constrangimento na latência e na vida adulta. Conseqüentemente, é preciso compreender a criança na sua vida pulsional, ego e superego (segundo ponto). Só assim será possível conhecer o que esta por trás da atitude de uma criança e, assim, desenvolver um trabalho que a ajude a internalizar a forma como deve agir. Logo, o terceiro ponto consiste no “*desfecho da luta individual do ego infantil com um desejo pulsional que lhe é indesejável, depende do poder reativo dos sentimentos isolados, portanto, da disponibilidade da libido em relação ao desejo pulsional, comparada com a energia contrária da tendência de recalcamto estimulada pelo superego.*” (Anna Freud, 1973, p.52).

Diante disso, Anna Freud se mostrou muito inovadora e desafiadora para a época em que viveu, 40 anos atrás. Ela questionou sob diversas formas se não seria melhor deixarmos a criança fruir da sua livre criação e brincar (Anna Freud, 1973). Brincar com seus órgãos genitais, brincar de ser o pai, brincar com sua nudez, comportamentos até então tidos como inadequados, não inibem a capacidade de amar e podem tornar a pessoa produtiva e livre para sentir prazer. Além disso, a autora lembra que os castigos que tinham por finalidade educar não atingiam êxito, mas concluiu que a oscilação entre extremos –o que é permitido ou não, inibição versus liberdade excessiva etc – é prejudicial à criança, pois acaba por tratar de inibi-la ou não, ao invés de ajudá-la a compreender o significado dos limites. Ademais, a autora

lembrou que em toda criança há sempre uma bagagem de emoções, sentimentos, que muitas vezes, quando manifestados, tornam difícil o trabalho, tanto para o professor que a herda da sua família, como para o analista que a recebe doutrinada pela escola.

Assim, a autora chamava a atenção naquela época para o fato de que a Psicanálise já propunha três coisas: criticar as formas de educação existentes; expandir o conhecimento do educador através das suas contribuições (ego, investimento libidinal) e com isso aperfeiçoar a relação entre a criança e o educador; e ser um método de tratamento que tentava reparar os danos causados pelo ensino. E nesse sentido, Anna (1973) buscou criar uma pedagogia psicanalítica, capaz de compreender o sujeito na sua individualidade e assim obter resultados no contexto no qual ele está inserido, e não o contrário.

Termino estes rabiscos certa de que o entusiasmo de Anna Freud continua a contagiar o trabalho, não só dos psicanalistas, mas também dos educadores e de todos aqueles que acreditam que a infância merece um olhar e uma escuta amparadora, para que possam brincar e assim fruir da sua liberdade de criação.

Referências

Centre, A. F. <http://www.annafreud.org/pages/history.html>

Freud, A. (1973). *Psicanálise para pedagogos*. Santos: Martins Fontes.

Freud, S. (1996). Alguns tipos de caráter encontrados no tratamento psicanalítico. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 14, pp. 320-348). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1916).

Schneider, M. (2008). *Marilyn últimas sessões*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Young-Bruehl, Elisabeth. (1992). *Anna Freud: uma biografia*. Rio de Janeiro: Imago Ed.